

Travessias do grande sertão¹

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

“É logo ali, nos desmandados lugares... Quase todo mundo tinha medo do sertão: sem saberem nem como o sertão é. Sertanejos sabidos sábios. Mas o povo dali era duro, por demais. Mais, então, as mulheres. A gente perguntava: – ‘Vocês têm medo de onça?’ Essas respondiam: – ‘A gente tem remorso delas não...’.”

(João Guimarães Rosa, *Manuelzão e Miguelim*.
“Uma estória de amor – Festa de Manuelzão”, p.190)

A O LONGO de cerca de 26 dias dos meses de julho e agosto de 1989, Raul do Valle, músico e professor do Departamento de Música do Instituto de Artes da Unicamp; Ivan Vilela, então estudante de música da Unicamp e, hoje, professor de Viola Caipira, do Departamento de Música da USP, em Ribeirão Preto; Eduardo Mandell, fotógrafo profissional, e eu, na qualidade de antropólogo da equipe, realizamos uma viagem de estudos e pesquisas em direção aos sertões do Norte de Minas Gerais.

Sáimos em uma madrugada fria de Campinas, no dia 18 de julho, em direção aos territórios dos escritos de João Guimarães Rosa, atravessando o Sul de Minas e a Zona das Vertentes, indo depois Minas Gerais norte-adentro. A viagem percorreu cerca de 4.600 quilômetros de terras mineiras, começando propriamente em Cordisburgo, cidade natal de João Guimarães Rosa, terminando entre montanhas e matas da Mantiqueira, já a caminho de casa. Percorremos um sem-número de cenários do cerrado e dos sertões mineiros, começando em direção ao Rio São Francisco, derivando em busca do Rio Jequitinhonha e voltando depois entre margens do Rio Grande, quando ele ainda é um pequeno riacho que se atravessa de um salto, nas matas do Sul de Minas. Mas vários outros rios e terras dos sertões esperavam por nossa travessia. Estivemos onde o Rio De Janeiro deságua no São Francisco (e entre cujas águas e margens começam as aventuras de Riobaldo e de Diadorim). Convivemos com garimpeiros e dormimos uma noite sobre as areias do Rio do Sono. Ivan e eu atravessamos a nado o Rio Urucuia (“rio meu de meu amor...”). Estivemos sob cachoeiras e dentro das águas de vários outros rios e riachos abaixo do Urucuia e acima do Grande. Cruzamos pontes, com pesar, por sobre alguns pequenos rios secos para além de Montes Claros. Atravessamos o Jequitinhonha acima de Diamantina e estivemos nas margens do Araçuaí (“Rio das Araras Grandes”).

Durante algo como duzentas horas de trabalho (fora as muitas outras, entre almoços mineiros, convivências fraternas, viagens longas e banhos de rio), viajamos sertões afora em busca de pessoas, seus rostos e gestos, suas vozes, seus depoimentos, e também à procura de registros sonoros, os das músicas

humanas, os dos cantares da natureza, para que servissem a nós e, de maneira especial, a Raul do Valle, para a composição de uma cantata tendo como tema a vida de antes e agora entre sertanejos de Guimarães Rosa. Foram feitas inúmeras fotografias em papel e em transparências, em cores e em preto-e-branco. Foram realizados registros sonoros em fitas magnéticas envolvendo: a) sons da natureza (do pingar de gotas d'água numa gruta ao coaxar de sapos), sons de artefatos humanos (do cantar dos eixos de madeira dura de carros de bois ao soar sertanejo de berrantes); b) entrevistas com personagens e pessoas ligadas à vida e à obra de João Guimarães Rosa e outros “viventes do sertão”; c) músicas e rituais, religiosos ou não, breves ou longos, no Norte de Minas.

Essa pesquisa foi possível graças a uma bolsa concedida ao professor Raul do Valle pela Fundação Vitae, em virtude do apoio da reitoria da Unicamp, que concedeu uma viatura da Feagri e um auxílio de pesquisa para os gastos de combustível, hospedagem, alimentação e outros. Graças, mais do que tudo, a mulheres e homens que fomos encontrando pelo caminho. Gente que, sem nos conhecer, nos acolheu em suas casas, em suas mesas e em suas vidas. Em nome de Manuelzão e de dona Didi, de Bindóia, Juca Bananeira, Maria de Fátima (garimpeira meia-praça do Rio do Sono), de Cidro, queremos lembrar aqui todas as outras muitas pessoas com quem estivemos. João Guimarães Rosa percorreu antes de nós, em menos dias e a cavalo, as mesmas terras e outras próximas por onde viajamos 37 anos mais tarde.

Alguns cenários dos sertões mudaram tanto – e para bem pior –, que em Urucua nos disseram: “Daqui em diante não adianta subir mais. Os sertões do Guimarães Rosa acabaram e vocês só vão encontrar eucaliptais”. Assim foi, e tomamos a direção de Grão-Mogol, em busca do vale do Jequitinhonha. No entanto, trinta e muitos anos depois podemos atestar que o coração da gente sertaneja permanece o mesmo. Permanece da mesma qualidade do coração e das mentes das pessoas com quem Guimarães Rosa cruzou, a quem ele ouviu e transformou depois em personagens inesquecíveis de seus contos, suas novelas, e do romance que nos acompanhou durante toda a viagem. E que eu, em voz alta, do começo ao final dela, íamos lendo para nós e para os outros.

Reescrito para uma coletânea de textos ao redor de João Guimarães Rosa e de seus seres e cenários, os fragmentos de diferentes entrevistas e anotações de campo reunidos aqui querem ser nada mais do que uma lembrança, um depoimento do que foi vivido em uma viagem às suas paisagens sertanejas. Como se, guardadas as distâncias e proporções, esses registros fossem, tantos anos depois, a procura de uma outra “*boiada*”.

Afinal!²

(19 de julho: Cordisburgo e Três Marias)

Amanheço o dia – o primeiro dia inteiro em Minas – caminhando por Cordisburgo e de Cordisburgo à Gruta de Maquiné. Não gosto de caminhos de turismo

e por isso aproveito ter vindo tão cedo pra caminhar além da gruta, por trilhas de fazendas. Uma delas foi ou é ainda de um parente de João Guimarães Rosa. Cedo fazia muito frio e do alto de um canto da estrada pude ver Cordisburgo envolta em bruma. Lembrança de cenas iguais na Itália, nas vilas de perto e em Assis...

Não sei se a Gruta de Maquiné me tocou tão fundo quanto o quintal da casa do hoje João Guimarães Rosa. Gostei dele mais do que da própria casa; da casa, gostei mais da cozinha do que de tudo o mais. O quintal, fundo, longo, assombreado, foi reformado. Há, agora, um piso de tijolos e as plantas, muitas, estão cercadas e cuidadas como coisa pública, dadas a ver, mais do que a conviver. Por isso, mineiro como os outros não havia naquela ordem nada do que fora na verdade o quintal desordeiro das velhas casas de Minas Gerais.

Gostei do poço de águas escuras, no fundo do silêncio e do quintal, limpo e rodeado de tijolos. Gostei de ver, como um prenúncio, o meu próprio rosto barbudo, refletido no espelho retangular da luz que a pequena porta aberta do poço deixou por um momento entrever, antes que a água escura e algumas pedras formassem as ondas que dissolveram o meu rosto e o seu narciso.

Há muito pouca coisa de João Rosa (vamos chamar assim, como os do lugar) e dá de cara pra saber que o melhor dele terá ficado pelo Rio de Janeiro ou por São Paulo. Sentei em sua cadeira de trabalho e tive não sei que desejos de magia simpática. Mas atrás dela, no lugar de uma estante de seus livros, havia só a foto ampliada, na parede inteira, das prateleiras e livros reais de João Rosa.

Fomos entrevistar Juca Bananeira, nascido no Bananal, e daí o nome. Ele foi empregado da loja do pai de João Rosa e foi seu amigo de infância. Um primeiro segredo: o menino escritor cresceu trancado no portão pra dentro. O sertão seria primeiro olhado da janela e o desejo realizado da fuga viria só muito depois. Juca Bananeira. É preciso falar sobre esses homens que passam a existir publicamente por causa da morte de outros. Mas ele se salva. Além de ser “isto”, ele faz gaiolas de passarinhos e faz alçapões com madeira macia de buriti e varetas de bambu. Compramos uma e ganhamos um.

Fomos encontrá-lo depois de muita procura. Tal como Manuelzão, esses velhos-símbolo precisam reiteradamente dar-se a ver tal como os que chegam precisam que eles sejam. São velhos muito especiais pelo que foram um dia, por um breve momento que seja, nem que seja de empréstimo. E, por isso mesmo, precisam ser sempre, e mais ainda quando tornados velhos, uma figura ao mesmo tempo típica – um sertanejo puro, um boiadeiro à antiga, um jagunço remanescente – e original; se possível, única.

Será por isso que fiquei sabendo, como uma quase conversa-ao-pé-do-ouvido, que teriam dado ao filho de Juca Bananeira o lugar de empregado do Museu João Guimarães Rosa que Manuelzão, ele próprio, teria cobiçado? Precisaria esse velho Ulisses do sertão de tão pouco? Juca é um homem pobre, mas mora na rua que tem o seu nome, do mesmo modo como “Cordisburgo” poderá um dia vir a se chamar João Guimarães Rosa.

Tudo o que pudemos conseguir de Juca Bananeira está gravado na primeira fita de nossas entrevistas. Casos simples: a infância do menino, sem nada de mais, e quase parece que nem é ele. O pai, comerciante de loja-e-casa, casado com dona Chiquinha. Homem honrado, um “Floduardo” que afora a herança e os filhos não deixaria em Minas nada mais. Seria preciso mais? Mesmo que um deles fosse João, “Joãozito”, menino de família mais rica e tão honrada quanto o costume do lugar, para quem o portão da casa seria o limite, de modo que ele não se misturasse, como os outros, com os outros na rua. Mas esse menino gostaria dos livros, e diz a biografia do folheto que compramos no Museu que aos sete anos começou a aprender francês.

Uma primeira imagem de Guimarães Rosa dada por Juca Bananeira: um escrevinhador de relados ouvidos. Um escritor de narradores. Juca conta que ele reunia as pessoas e “mandava” contarem casos. A maneira como ele nos olha e gesticula enquanto fala sugere que ele fala de alguém próximo e muito diferente. Alguém “aqui conosco”, mas que não é como ninguém é. Uma pessoa de um outro destino... de altos destinos. Conta que ele ordenava (*sic*) uma narrativa reiterada de contos, casos, histórias sabidas e os “anotava”. Essa palavra, “anotar”, é muito repetida pelo Juca. Expressões dele: “Então, ele chegava e dizia: ‘Você aí, conta um caso!’”.

Foi o próprio Juca Bananeira quem sugeriu o Manuelzão. Primeiro aos poucos, nas primeiras horas de decidir, mas, depois, de repente, resolvi com os outros alterar o trajeto da viagem. Em vez de seguirmos de Cordisburgo para Montes Claros, o nosso primeiro roteiro, resolvemos andar pelo “lado de cá” do São Francisco e seguir direto para Andrequicé. Cecílio, o barbeiro (mas que maldita raspagem de barba!), sobrinho do Juca, só fez reforçar a idéia. Fomos procurar o Brasinha, um amigo urbano do Manuelzão. Fomos à casa dele pra saber se o “velho” estaria no Andrequicé, pois, mesmo velho, ele é andejo. Estava.

Mudamos o rumo e viajamos na mesma tarde de Cordisburgo para Curvelo, dando até lá uma carona pro Juca Bananeira. Daí fomos pra Três Marias. Dormimos lá. Nada pior do que uma cidade que cresce depressa, de um dia pra o outro. Delas, nessa viagem, eu quero a passagem e a distância.

(20 de julho, quinta – de Três Marias ao Andrequicé)

A vinda ao Andrequicé foi decidida num repente, mais foi muito antecipada. Ela me lembrou, nisso, a minha própria vida e muitos fatos antigos e recentes dela. O plano original era derivar de Cordisburgo para Curvelo e subir daí para Montes Claros. De Montes Claros, nós iríamos andar pelo lado direito do São Francisco até Jaíba e Manga, na quase chegada na Bahia.

Mas, como eu escrevi antes, o próprio Juca Bananeira nos convenceu a ir conhecer o Manuelzão no começo da viagem, e o Brasinha só fez confirmar isso. Fomos. Mudamos o rumo de vez. Isto é, começamos a viagem por onde ela deveria terminar. Invertemos tudo: começamos pela beira oeste do São Francisco

com planos de seguir no Andrequicé no rumo do “De Janeiro”, a barra com o São Francisco (onde o menino Riobaldo conhece o menino Reinaldo) e os povoados de Paredão e outros. E São Romão. Foi o que fizemos.

Algumas pessoas viram um personagem de vida por causa de outras pessoas. Eu disse isso sobre o Juca Bananeira, que, no entanto, em pouco se apaga no precário desempenho de um fazedor manual de gaiolas, meio esquecido de poder haver sido “grande”, entre outros, por haver sido antes quem fora: um amigo mais velho da infância de João Guimarães Rosa.

Terei de dizer isso muito mais de Manuelzão. Viajamos com muitos avisos. Depois, viemos a saber que há cidades, pequenos povoados ao menos (arraiais, povoados, bairros rurais, “currutelas”, “comercinhos”, freguesias) que querem existir só, principalmente, por causa de uma pessoa. Andrequicé quase é assim, mas nem todos os de lá querem que seja assim.

Na chegada do Andrequicé, paramos para fotografar um lugar de carvoeiros. Vimos muitos pela viagem afora. Vi cenas dos lugares mais feios do passado de Minas, na Europa e nos EUA, que eu só conheço de filmes e fotos. “Como era verde o meu vale!” Desertos. De longe, o eucaliptal pode até ser bonito. É verde e alteado, alto, altaneiro. Quando deixado crescer um pouco mais, pode ser uma quase densa alta floresta. Mas de perto se vê que é morto de verde. Não há vida alguma debaixo das árvores iguais e tristes. Não há mais bichos e eu tenho saudades dos amorosos furtivos animais do cerrado. Os tabuleiros de várias alturas são condenados ao corte. E ali, onde viemos parar, era um deles: um eucaliptal recém-cortado. Apenas os tocos são deixados para que a mata morta dê ainda dois ou três cortes de rebrota da planta condenada a morrer cada vez que renasce, depois de haver matado todas as outras para instalar ali a monotonia de sua pobre existência condenada.

Como tudo é uniforme, das matas de eucaliptos ao traçado reto das estradas, também as fornalhas de carvão são dispostas em linhas, umas ao lado das outras. Ali estavam, como num lugar de morte.

As companhias carvoeiras contratam e subcontratam alguns poucos empregados. Mas, como mais ao sul, uma nova pequena “classe média” de povo surge à volta deles. São os “empregados” que cuidam das plantas. De passagem, eu não consegui saber o sistema de sua classificação. Haverá bóias-frias, imagino, pelo menos nos tempos de plantio e “corte”. Quando as árvores são derrubadas, desganhadas, cortadas, de longe ouvem-se os roncoss malditos das motosserras. Empregados mais permanentes serão “carvoeiros”. Famílias, com mulheres e crianças ocupadas, manchadas de preto do rosto aos pés. Curtidas de carvão, elas retiram a madeira empilhada em linha, como grandes muralhas, ao longo dos fornos de barro, e cobrem a madeira posta nas fornalhas que depois queimam, lentamente, até quando o negro enegrece tudo e deles sobra só a matéria escura e final do carvão. Caminhões carregados com sacos de carvão nos irão anteceder e seguir a viagem toda, imagino, como aconteceu até aqui.

Andrequicé, afinal. O povoado de Andrequicé é uma feira de ruas descendo da beira da estrada de Três Marias-Corinto, na beirada de um córrego. Como duas ou três ruas foram recentemente asfaltadas, esse arraial mineiro e sertanejo toma ares e orgulhos de cidade. Mas, entre casas com fogões de lenha e grandes quintais de mangueiras, porcos e galinhas, ele é como todos os outros. Algumas casas estão fechadas e no começo da ruína. Mas há outras e elas são bem diferentes das velhas casas pioneiras. São casas novas, leves casas, algumas delas ainda em construção, regidas pela lei do menor gasto, a começar pela feira frágil de tijolos baianos, postos de pé. Serão, penso, casas de chegantes da roça, expulsos das terras de trabalho, quando as fazendas viram “companhias”.

À volta de tudo, as mangueiras de julho já estão com as copas como véus de flores.

Conhecemos enfim Manuelzão. Eu acho que disse antes que esse encontro foi muito antecedido. E foi mesmo. Primeiro em Campinas: Maria Alice, Eustáquio e outros amigos falaram dele. Esses poderes malditos da televisão... Depois em Cordisburgo. Lá, falou-se pouco, no Museu Guimarães Rosa, e agora sei por quê. Mas Juca Bananeira e, mais ainda, Cecílio (e minha barba, perdida, malnascida de novo até aqui, sertões acima?) e Brasinha foram insistentes. Na Companhia Telefônica de Três Marias o pôster com o velho sertanejo de chapéu de couro e fone no ouvido era apresentado como um dos dois grandes contadores de casos de Minas Gerais. O outro era o próprio telefone.

Manuelzão é tudo o que o Juca Bananeira não conseguiu ser. “Mito” é uma dessas palavras tolas e há outras que poderiam parecer vazias, se eu quisesse usar para descrevê-lo. Mas ele é isto: um personagem que tomou conta da pessoa. Desmontado há anos do cavalo, desvestido dos couros e aposentado, ele parece viver ainda na frente dos outros como se estivesse atrás de uma grande boiada. Esse Manuelzão.

É um velho homem bonito e se apruma de saber disso. Alto, espigado, como tantos homens de Goiás e de Minas, de mãos longas e rosto e orelhas finas, ele aperta os dois olhos miúdos quando fala e sempre tem o ar de que, mesmo sério, está fazendo troça. Para não ser mais solene do que o devido, ele é alegre e a sua longa presença pesa pouco. Gosta de gestos largos, da fala e dos braços, e gosta de começar frases dizendo: “eu vou te dizer uma coisa...”, como se ela fosse o começo de algum grande mistério. Mas ele conta casos simples e mesmo quando filosofa não assume o ar falso de que posa quando fala.

Casado duas vezes, gosta de dizer na frente de dona Didi, muito mais jovem do que ele, que o seu sonho é trocar a mulher “velha” por duas moças. Ela sorri, sábia, pois as mulheres da roça precisam ser sempre pacientes com os seus meninos, mesmo quando muito velhos.

Ele fala alto, raras vezes, maneiroso e solene. Mas, repito, tendendo sempre para o lado do leve e da graça. Confidente, repete a esmo que sempre gostou de “mulher”; que não gosta muito de ficar “ao lado de homem” e que a “melhor coisa do mundo é pinga-e-mulher”. Essas falas de macho velho.



Manuel Alves Nardi, o Manuelzão, em desenho de Clarissa Magalhães.

Creio que ficamos amigos, confidentes de ocasião, desde as primeiras conversas. Ele não custou muito a compreender que não éramos outros daqueles repórteres apressados, que chegam, fazem meia dúzia de perguntas prontas, tomam fotos e saem de volta pra Belo Horizonte. Nosso plano não é entrevistá-lo apenas. É, nos poucos dias que temos, conviver com ele, habitar seu mundo. Temos planos de ir com ele na barra do “De Janeiro” com o São Francisco, em algumas fazendas velhas e – mais pelo banho do que pelo sertão – em algum bom riacho de águas claras do cerrado.



MANUELZÃO

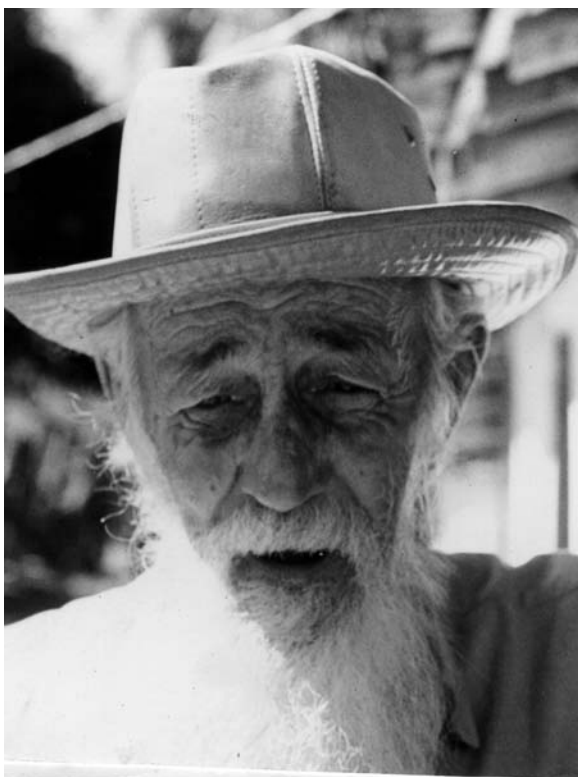
(Entrevista no dia 20 de julho de 1989, em Andrequicé³) – “[...] Daqui não é no meu tempo aqui de sertão. Mas aqui tem esses mais velhos, os fazem-



deiros daqui. Saía daqui pra buscar sal em Belo Horizonte. Saía daqui pra ir no Rio... O que fazia falta aqui nesse sertão era sal, querosene... Mas o senhor imagina: quando eu vim pra aqui, em 44. Querosene, sal e café era a coisa mais difícil. Aqui nesse sertão era isso. Querosene tinha que ir buscar em Colinas. Era 20 léguas. Não tinha estrada. Era em tropa de burro. Aqui, muito pouco homem sabe o que é uma tropa de burros; igual na Zona da Mata, né?

[...] Era a vida ao natural. Eu admiro de uma coisa. Na minha idade, eu como qualquer coisa. Eu tenho meus filhos e netos e eles não agüentam comer uma feijoada de manhã cedo, o tocinho cozido no feijão com farinha [...] o que come hoje é químico... É tudo no remédio. Aqui teve aquele negócio de confinamento de bois. E a carne de boi confinado não agüenta geladeira. A gordura é diferente. Aquilo é a troca de remédio. O boi parece coisa que incha, o boi igual era antigamente, criado nesse mundo todo, igual eu vi, e só comia sal e capim. E você olhava assim, uma boiada gorda. Aí era uma gordura que sustentava muitos dias. [...]

Eu já saí com boi daqui pra levar em Patos de Minas, e de Patos levar pra Barreto, em São Paulo... De Salto Grande, da Bahia, que é divisa de Minas com Bahia, a Pirapora são 45



Fotos Carlos Rodrigues Brandão



dias de marcha a cavalo. E eu trazia uma boiada de lá, no andar com esses bois 45 dias.

[...] Trazer boi de São Miguel do Jequitinhonha pra levar aqui pra Matozinho, era Capim Branco, pra lá de Sete lagoas! Quantos bois veio de lá pra cá!? A gente comprava boi lá naquela região e trazia pra aqui. Aquilo, o boi andou uns dois dias, você vai tocando ele e ele vai comendo aí na beirada da estrada. E quando chega num lugar aberto você deixa o gado pastar um bocado. E logo acha uma água, e eles bebem água e vai comendo, e isso...

E o mais interessante, eu vou te falar. Tudo nesse mundo, naquele tempo eu achava muito melhor do que tem hoje. O senhor chegava nesse sertão que tem aí, onde eu andei, o senhor via aqui um chapadão, e tinha uma água, e ali morava uma pessoa... Você chegava ali com uma boiada, e ninguém ia carregar pouco boi. Era uma boiada de 500 pra mais. Era sempre uns 15 ou 20 animais, de 14 pessoas até 16, daí. Vai mais apertado. Outros dias folga e o boi também acostuma andar e não dá muito trabalho. Mas você chegava e não via sinal de roça. Você procurava carne-seca, ali tinha. Procurava um toicinho, ali tinha. Procurava milho pra dar pra outra tropa, tinha..."

(Entrevista no dia 22 de julho de 1989, em Andrequicé)

"[...] Vocês não vão achar sertão mais de maneira nenhuma!... Aqui mesmo aonde a gente foi, que eles estava querendo fazer aquele seriado: *Grande sertão: veredas*, aqui tinha fazenda velha; acabou tudo. Tinha muita casa aqui, mas está do jeito que você está vendo: o eucalipto acabou com tudo! Fazendas velhas assim, com casas antigas? Região aqui eu não conheço, não. Mais mesmo é lá pro lado da Mata, da Zona da Mata: Guanhães... esses lados todos têm mais do que pra cá. [Aqui] não tem mais fazenda de formato velho.

Hoje, inclusive, os currais são feitos de cabo de aço. Quer dizer, outro dia o Edson, companheiro nosso, aqui, ele tem uma fazendinha em Sete Lagoas. Eles estavam procurando na região uma fazenda antiga pra filmar e fazer uma propaganda da Casa do Fazendeiro. Procurou, procurou e não acharam nenhuma que agradasse. Aí o rapaz muito amigo do Edson, que trabalha na Cooperativa, falou assim: 'Olha, eu vou levar vocês em uma, se não agrada dessa eu acho que não vão encontrar mais nenhuma'. Foram lá na Fazenda Biroasca. Quer dizer, fizeram lá uma restauração. Quer dizer, gostaram e até fizeram a filmagem.

[...] Taiobeira, São João do Paraíso, essa região tem muito povoado. Já pertinho da Bahia, já. Eu tive aqui porque eu sou observador ainda. Eu gosto. Você vai chegar lá e encontrar as casinhas, aproveitando o leito da terra melhor. Tem aqueles lugarzinhos que todo fim de semana tem feira... Vocês chegam lá.

Era difícil. Ninguém conhecia carro de gasolina. Tinha fazendeiro aí de vender 500, 600 reses; se não levassem o dinheiro contado pra pagar ele, ele não recebia o cheque. Tinha que levar era dinheiro.

Em Pompeo, por exemplo, tinha uma fazenda lá que o Estado tomou. Eles sabem disse. Era de uma mulher... Joaquina de Pompeo. Essa mulher, ela – acho que foi dom Pedro I ou dom Pedro II – ela deu pra ele um cacho de ouro de presente, meu filho! Sabe como ela fazia? Eles sabem bem mais do que eu. Ela vendia o gado. Aí mandava os jagunços ir matar o cara. Então, eles voltavam com o gado pra casa.

Você conheceu foi Joaquina [Manuelzão dialoga com um vizinho]. E aqui na Pedra da Brida tinha aí uma mulher. Todo mundo que comprava gado na mão dela, ela mandava matar o boiadeiro. Lá fazia um frio danado. Se ele tivesse um capote ela falava com ele: ‘Ah, bem! Não leva esse capote, não. Me dá ele que eu estou sentindo frio demais!’. Sujeito era besta, dava a ela o capote e ia embora. Eu arranchei muitas vezes naquela beira de córrego. Lá chama Pedra de Brida. Ali existia o reto da fazenda velha dela. Quando eu passava lá, eu via.

[Fala o vizinho de Manuelzão] Ali eu tenho a impressão de que deve ter alguma fazenda velha. Inclusive eu conheço aquela região toda. Eu trabalhei na Serra do Cabral. Inclusive trabalhei lá em reflorestamento, três ano.

Aquela serra está quase toda reflorestada, né? Serra do Cabral, lá em Buenópolis, a cabeça daquela serra... Essa serra das Araras é onde o Guimarães fala da fazenda Santa Catarina, no *Grande sertão*. Eu conheço até perto da Serra das Araras. É um cerrado bem leve. Tem muito é pequi, mangaba, e tem áreas de até aí de dois mil, três mil hectares de terra, por exemplo, aí, que é madeira leva. Compreendeu? Tem o Buriti, coqueiro, tem tudo. Aonde tem esse pé de coco, onde tem ele tem água, isso é muito importante... É um lugar bom de pesca. E o Rio Verde nasce aqui em Montes Claros.

[...] Perto de São Romão, Santa Fé, tudo isso aqui tem muito cerrado. Buenópolis, Brasilândia, inclusive é hora que vocês passam por cima da serra. Vocês olham aqui em Brasilândia, vocês vêem aquele baixadão doido, tudo plantado certinho. Mas tem muito cerrado.”

*(Meio e final da entrevista no dia 23 de julho de 1989,
na estrada entre Andrequicé e As Pedras)*

“[...] Você olha esse mundo aqui em abaixo, ó. Que está destroçado aí, na beira dessas veredas. Onde tem água tem bateria cozinhando carvão, aquela confusão toda. Você olha esse azul aí fora... e pra todo lado aqui o tanto de eucalipto que tem!... Cobra pode ter alguma dentro dessa reserva. Mas dentro de eucalipto nem cobra não fica. Nem cobra! Marimbondado, você pode andar o dia todo dentro do eucalipto, você não encontra.

[...] [Ele aponta a direção de uma vereda com água e buritis ao longe, mas já seco, perto] Essa é uma vereda mais da Companhia. Lá em baixo tem um aguão danado, ali, ó. Isso aqui é uma areião, uma coisa horrorosa. Eles plantaram a soja aqui. Plantou milho, plantou feijão, tudo quanto há, e deu muito. Mas quando tavam arando o terreno, você passava aí e via tratores espalhados

aí, adubando o terreno. Você via aquela nuvem de fumaça baixa espalhando. O trator que carregava o adubo pra espalhar... Isso aqui onde nós vamos entrar, aqui agora, aqui, teve um grande plantio de soja. Mas grande demais... Isso aqui foi tudo soja. Depois que eles plantaram, tiraram uma fortuna aqui. Eles fizeram repartição aqui e plantaram soja. E aqui há pouco tempo tinha um número muito grande... Tinha muito gado aqui.

[...] Isso aqui por onde nós passamos era uma fazenda só. Era de um norte-americano. E o povo foi invadindo. Eu morava aqui quando o Chico Moreira arrendou isso tudo a um depositário dessas fazendas, desse Jota Rosa, esse americano. Ele perdeu quatro fazendas nesse Estado de Minas. Assim como os outros compravam a posse e foi tomando posse e mexendo aqui dentro. Eu estava aqui dentro. Podia ter endurecido, onde eu estava morando, e estar morando aí até hoje.

[...] Eu conheço essa região toda aqui! Eu morei aqui uma dúzia de anos. Ali tem um cemiteriozinho. Ali embaixo tem um homem; diz ele que formiga conversa com ele. Ele conversava com formiga.

[...] Essa estrada aí, ó, antigamente ela entrava por aqui beirando uma vereda. Aqui tem uma vereda. Esse caminho foi patrão meu que abriu e eu cortei aqui na serraria – tinha uma ponta de cerrado aqui – a troco de enxada, de enxada. Essa estrada aqui em diversos lugares foi um serviço meu. Depois passaram máquinas, abriram mais pra cá mais de um não sei quantos moradores que tem aqui. Essa fazenda tinha mil e não sei quantos alqueires. E ia embora.

[...] Eu esqueço o nem. O São Francisco desce meio aqui. E o Rio de Janeiro desce lá daquela serra alta que vocês estão vendo... Vai correndo ali. Ali do outro lado do São Francisco tem uma serra. Eles tratam de Serra da Sambaíba, pelo lado do Rio de Janeiro.

[...] Eu vou te falar: eu, é porque não posso. Porque se eu pudesse, ia andar com vocês era muitos dias. Mesmo essa região que eu sou conhecido. Mesmo por aí pra fora, onde eu conheço. Eu tinha prazer com isso! Mas, infelizmente, não dá certo. Mas esses dias que vocês estiverem mexendo por aqui, eu estou pro que vocês quiserem. O que eu puder fazer por vocês, eu faço.”

No começo da viagem, algumas anotações em meu caderno de campo

(Escrito na beira do córrego de Andrequicé, no dia 21 de julho, no Andrequicé)

A idéia de irmos direto ao Andrequicé foi a melhor da viagem, até aqui. Melhor mesmo do que a de começarmos a viagem em Cordisburgo. Acertamos de fato tudo: deixamos para a volta a margem direita do São Francisco e as beiras do Jequitinhonha. Começamos pela beira, ainda à direita, mas mais próxima dos “sertões guimarães” do Paracatu e do Urucuia (“rio meu de meu amor”). Assim, Montes Claros, Jaíba e Manga poderão ficar para meio-e-fim da viagem. Se é que iremos lá, pois alguns nos dizem que os eucaliptais, muitos aqui, são

muitíssimos lá. Feita a virada, queremos começar pelo fim e pelo começo da história: por Manuelzão. E esperamos conseguir com ele um depoimento que valha sozinho a viagem toda. Daqui em diante pensamos seguir para a região do Paredão, onde Diadorim morreu, e subir nos rumos de Pirapora.

Fomos recebidos com carinho pela gente do lugar. Marly e Suely, as duas irmãs da venda e do posto telefônico, nos arrumaram um canto na casa paroquial (mais uma na minha vida) e nos ajudaram nos primeiros contatos.

De saída, ficamos conhecendo Raimundo Bindoia. Ele é um velho boia-deiro que por algum tempo foi companheiro de estradas de Manuelzão. Conhecemos Elpídio, um notável mestre de Folias de Santos Reis, e o professor Zé Renato, de “As pedras”, onde pensamos ir pelo menos por um dia. Depois, não foi preciso procurar Manuelzão. Ele mesmo encontrou Ivan descendo a rua e se apresentou a ele. Começou aqui, assim.

Faz falta ainda entrar no “espírito do sertão”. Mas como é que se entra nele, “mano Rosa”, agora tão mexido, tão mudado, tão vazio de ser “sertão”? Sinto que ele não está ainda dentro de mim e pressinto que não esteja também dentro dos outros companheiros de viagem. Até aqui, li pouco de *Grande sertão: veredas*, que tenho deixado pra ler mais, às vezes em voz alta, para todos, nas andanças do carro. Sei que esses dias aqui no Andrequicé, com Manuelzão e os outros, serão para conviver com eles e obter um máximo de falas de entrevistas.

Outros viventes do sertão

Elpídio de Souza Pinto: mestre sertanejo de Folia de Santos Reis

“[...] Aqui na nossa região, não. Porque eu fui criado aqui e na minha época ele [João Rosa] não passou aqui. Só se foi depois. Agora, veio o sobrinho dele, o doutor Joãozito [que depois Manuelzão esclareceu ser o próprio João Rosa].

Até acompanhou boiada. Acho que gostava por ela. Porque, no dia em que ele chegou na fazenda, um irmão, nós fomos para as casas tocar violão. Fomos na janela e fizemos uma serenata pra ele. Então, nós tocamos uma tal de Rosa Branca na janela, pra ele.

Então, ele é uma pessoa que, quando chega assim, é a mesma coisa chegar Deus. Naquela época... [como num diálogo] ‘Então, vamos cantar pra ele?’. ‘Vamos!’ ‘Vamos embora.’ Então, ele abriu a janela, muito educado. Agradeceu. Conversou com nós. Naquele tempo, eles estavam formando pra viajar com o gado. Foi nessa época. [...]

Tudo que passou diz que ele escreveu: os córregos, aquele lugar, o lugar que eles dormiam, os pontos de pousada, os versos que eles cantavam [...] Tudo ele especulava e escrevia aquilo. E nós nem pensava aquilo que nunca acontecer uma coisa dessa. Dr. Joãozito foi embora. Eu não fui na viagem. Eu fiquei [...] Daí uns anos, saiu uma revista com todos os membros que participaram da viagem. Até os versos que os peões cantaram pelo caminho tinha na revista.

[...] É o Guimarães Rosa. Eu vou te dar uma dica, mais ou menos, do que aconteceu. Suponhamos que o senhor está aqui, e me manda acompanhar uma boiada. Eu vou. ‘Você me toma nota de tudo que passar com todo o cuidado.’ Chega lá: ‘Na estrada o que passou foi isto’, eu te entrego. ‘Agora, você vai fazer com isso o que quiser.’ É o que aconteceu. Dr. Joãozito tomou nota de tudo, entregou pra ele e ele fez aquilo: aquela revista.” (*Entrevista na Fazenda de Mestre Egídio, 21 de julho de 1989*)

Ananias Cidroc, morador no Paredão do Rio do Sono

“Sem dúvida. Assim como o senhor está dizendo. Aqui tinha um moço aqui. Ele era sertanejo mesmo. Ele tocava boiada. Eu cansei de ver quando eu era menino. Ver o gado passando aqui dentro do rio. Mil bois, certo? Quando o cara do berrante tava lá em cima, no alto do outro lado do rio, o culatra, que é o último boi, estava aqui no alto, aquela fila. Eu ficava de longe para ver aquele barulho na água. Os vaqueiros gritando e o cara tocando o berrante lá em cima. Só vocês vendo que maravilha. Hoje, acabou. [...]

Realmente. Ele, pra história, talvez, o caso dele, a história dele é muito verdadeira. E o *Grande Sertão: Veredas*, eu acho que tem muita coisa ali, que segundo eu acredito muito, que ele é um homem muito sério. É um homem puro e tem muita coisa que é como você está falando: é mais floreado, inventado, uma lenda, uma coisa assim [...] Talvez, pra ele. Os senhores, muitas vezes não vai tirar proveito do que ele vai dizer, porque ele vai usar mais uma verdade. [...]

Professor, o senhor sabe que no passado, não quero dizer que cem por cento seja um caso real, uma verdade. Mas no fundo existe, porque no passado existia isso. Isso é um negócio assim, que não só no Nordeste, mas qualquer parte do país. Não quer dizer que São Paulo, que já nasceu completamente diferente. Mas o sertão mesmo... naquele tempo os costumes dos homens eram perigosos mesmo. Então, eram capazes pra isso mesmo, entendeu? Pra ataques.

Eu, que nasci ontem, já vi casos de arrepiar. De poderio de coronéis de patente. De mandar fazer. De dizer que você tem tantas horas pra desocupar tal lugar, que se não ‘eu mando acabar com ele lá’. Isso foi os casos que se passou ontem. Agora, imagina no passado, há 50, 100 anos passados! Os bandos como é que é? As histórias de fazendeiros que a gente vê por aí, aqui. Cada fazendeiro!

Quando vai beirar uma ponte num rio lá acima do Paracatu e Rio Preto – fica perto de Brasília e Goiás – tinha um coronel patenteado. Inclusive ele tem filhos em Pirapora que é advogado. É tudo cidadão jeitoso os filhos dele [...] O pai deles, segundo a história, tinha era bandos de bandidos só pra cumprir ordens pra matar, pro velho fazendeirão lá. [...]

Exatamente. Era muita briga de jagunço. Olha, aqui, pouco tempo aqui dá muito desses problemas. O senhor tem uma fazenda aqui e entra em litígio com essas empresas. Eles compram [terras], chegam aqui e o cara marca a divisa e fala: ‘É daqui até aqui, ó certo?’. E aqui tem casos de posseiros ou alguém que comprou um pedaço aqui. Aí, a firma chega e acampa aqui e entra em bri-

ga com esses aqui. Tem casos de morte e de prisões aqui. Da turma chegar e a pessoa não querer entregar; não quer sair. Sair, não sai, põe a polícia pra correr atrás dele. Mete máquina lá no que é dele, nos aramados dele. E muitas vezes já tem acontecido casos de atirar em encarregado. Às vezes, o posseiro, coitado, nervoso, vai pra lá pra roça, com uma espingarda, e o cara vem com a máquina derrubando o que é dele. Quando recebe, é o tiro. [...]

Então, isso é o Guimarães Rosa. Sobre alguma coisa de bandidos, igual a história de Diadorim, né?, que foi morto aqui por causa daquele tiroteio e tal. É, aquilo realmente ele deve ter aumentado alguma coisa. Mas realmente existiu mesmo [...] Muitas coisas que Guimarães Rosa fez não foi da época dele, mas foi uma coisa que passou, às vezes, antes dele nascer. Que alguém contou pra ele e ele fez a história, certo? Então, eu acredito, e acredito por isso. [...]

Então, o senhor calcula: Guimarães Rosa! Poxa, pode nascer alguém que vai fazer essa história que eu tô contando aqui, daqui alguns tempos? Que sabe da história política e tal lugar? Que aqui existiu duas alas políticas: uma delas era de um coronel poderoso do lugar, o mais rico. E o outro era de uma ala de um homem pobre, popular. Um homem quisto. Entendeu?” (*De uma longa conversa na casa de Ananias, dito Cidroc, do Paredão do Rio do Sono, em 25 de julho de 1989*)

João Redondo, vaqueiro das beiras do Paracatu

“Esse avô do Geraldo Carneiro, que é avô do Flávio, o pai do Geraldo Carneiro, ele tinha dezoito mil alqueires de terra [...] Hoje aqui tá com 800 alqueires. Eu peguei o cavalo cedo, aqui, e fui lá em cima nela e voltei. De primeiro, você montava a cavalo aqui às 6 horas da manhã e andava o dia inteiro. Desamontava às sete, oito horas da noite sem andar a fazenda toda e ainda ficar lugar sem andar [...] É. Não era uma fazenda só. Era em vários lugares. Tinha essa aqui, tinha lá nas Congonhas, tinha por Lado Grande, tinha logo uma. Tinha Boa Esperança, tinha Valinha, Urucu [...] Cada uma é uma fazenda. Agora, essas eram as mais pequenas: as fazendas de dois mil alqueires, de dois mil e quinhentos. Agora, do outro lado era grande. Era de cinco mil e tantos alqueires. Era ligado: Resfriado, Barril da Onça, Galho Curto, Boa Esperança e Galinha. Era os retiros, mas a fazenda era uma só. [...]

Não, eu vim pra outra fazenda do irmão dele aqui. O irmão do Geraldo, o Toinho Carneiro, pro Lado Grande. Fui lá e lá o Chico Diniz e Floriano falou com o Geraldo Carneiro, e eles tinham muito gado brabo nessa época aqui na fazenda. Então, o Chico Diniz falou pro Geraldo Carneiro: ‘Você agora tem um peão lá pra tudo. Qualquer coisa que você pensar, você tem um peão lá’.

E o Geraldo disse: ‘Não, não tá comigo, não. Tá com o Toinho’.

[o outro responde] ‘Mas do jeito que você em gado brabo lá, se você pegar ele lá, aquilo não tem nada brabo pra ele, não. Pra ele tudo é fácil.’

Naquele tempo a idade, eu era novo ainda, com trinta e poucos anos. Eu era forte ainda. E aí eu vim pra aqui ajudar a pegar gado brabo. E passando

direto praqui. Aí, eu larguei lá e vim direto pra aqui. Eu descombinei mais o Antônio e vim pra cá. Mas, bom, eles tinham muito gado brabo e eu montava a cavalo e aí saía. E pegava, amarrava [o gado] no mato. No outro dia, eu ia lá com boi carreiro, trelava e vinha. Chegava, punha no posta e ia juntando, juntando. E vendia: outros morria. Morria de raiva. A gente via as reses aí brigando, tremer, tremer aí. De pouco, caía e morria. [...]

Aqui mesmo eles usavam de dar isso: quatro por um. Depois, eles acabaram com esse negócio de ‘sorte’, porque o valor foi muito, tomou caminho. Por exemplo, a fazenda que desse na ‘sorte’ de quatro por um, de dez reses o vaqueiro tinha duas e o fazendeiro tinha oito. E de outro o fazendeiro tinha seis e o empregado tinha dois, e de doze tinha quatro, ele. Então, quer dizer: a fazenda que dava aí 200, 400 bezerros, o empregado tinha uma fortuna aí. Logo, logo, ele tava rico. [...]

Eu conheço nesses fundo do Urucuia diversos sujeitos que era empregado e hoje são ricos, de ganhar gado na ‘sorte’. Depois, ele arrumou esse negócio de salário e cortaram esse negócio de ‘sorte’. E passaram a salário. Então, foi aí que veio a tribulação da desintendência do povo: do fazendeiro com vaqueiro. Outra coisa que aconteceu aqui no sertão: o direito do ‘uso de campeão’. Quer dizer: o sujeito olhava o gado ‘na sorte’ e ia ficando na fazenda. Ia ficando, ficando, ficando. Chegava um determinado tempo, o fazendeiro... Quer dizer, aí ele não tinha o direito e o sujeito mudava de local. Acontecia do fazendeiro, por ele mesmo, vendia uma gleba de terra, às vezes, na beira de um córrego, assim num canto, por empregado. Eu conheço fazendeiro que vendeu fazenda pro empregado.

Hoje, acabou tudo isso. Não tem. O sujeito, hoje, se o fazendeiro dá um pedaço de mato pra ele trabalhar, ele roça e não tem cerca de madeira mais. É de arame. Ele roça um blocozinho aqui, assim e faz uma cerca aqui por fora, assim. Ali, no primeiro ano, ele paga um arrendozinho do milho, do arroz e do feijão, e pronto. E logo ele planta um pé de laranja, de manga, um pé de... e pronto. O primeiro ano, ele paga, o segundo, ele não quer pagar mais nada. E se o fazendeiro falar pra ele, ele fala: ‘Não, isso aqui é meu, eu tenho direito, tem tantos anos que eu tô aqui. Eu tenho direito!’.

E o que é que acontece? Aí foi que veio a crise do Brasil. É isso: o povo, muita gente não mete isso na cabeça, não. Mas eles deviam enfiar isso na cabeça. É esse negócio de reforma agrária, pra acabar com a fome no Brasil. Pro povo trabalhar, que os fazendeiros não dá mais terra. Mas eu concordo, porque se o governo não cobra o imposto da terra do fazendeiro, de marca a marca, e o sujeito não paga... quer dizer, porque ele não tem o direito, então, o que acontece? Por isso é que as cidade cresceram da maneira que cresceu; evoluiu da maneira que evoluiu, e o campo acabou por isso.” (*De uma conversa com o vaqueiro José Redondo, na Fazenda Santo Antônio, perto do Paredão do Rio do Sono, nos rumos do Paracatu, caminhos do Urucuia*)

Notas

- 1 Alguns escritos e fragmentos que compõem esta composição vivida, pensada e escrita nos sertões do Norte de Minas Gerais, entre o Rio São Francisco e o Rio Jequitinhonha, e sempre em diálogo com cenários, pessoas e personagens da vida e da obra literária de João Guimarães Rosa, são inéditos. Outros foram publicados, em parte ou no todo, no livro: *Memória/sertão – cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. O livro foi editado em 1998 pela Editorial Cone Sul, de São Paulo, juntamente com a Editora da Universidade de Uberaba. O livro está esgotado e não há planos editoriais de uma nova edição. Outras referências de trabalhos do autor ou de outras pessoas, sobre os temas e fragmentos do artigo, poderão ser encontradas nas referências de leituras, ao final.
- 2 Roteiro da viagem de João Guimarães Rosa, acompanhando a boiada tocada por Manuelzão e seus companheiros, conforme está escrito nos originais de *Boiada*, tal como podem ser encontrados, escritos a mão e a máquina, no “Arquivo João Guimarães Rosa”, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da USP. Roteiro da Boiada (Manuelzão).
- 3 Um longo texto com várias outras passagens das falas de Manuelzão e outras pessoas da região do Andrequecê e de sertão acima (ou abaixo) pode ser encontrado em nós, sertanejos, o “4º trecho” de *Memória/sertão*, entre as páginas 232 e 305. Ali transcrevo passagens de *A boiada*, o relato manuscrito e datilografado da viagem de João Guimarães Rosa acompanhando a boiada tocada por Manuelzão, ao lado de momentos de uma estória de amor – festa de Manuelzão, do Manuelzão e Miguilim, e de outros trechos escritos e transcritos, em que Guimarães Rosa fala de si mesmo e de Manuelzão, e em que Manuelzão e outros sertanejos narram quem foi para eles João Guimarães Rosa. Um artigo menor sobre o mesmo tema e com o nome: como se diz o outro, foi publicado em *Antonio Candido: pensamento e militância*. As referências dos dois livros podem ser encontradas na bibliografia ao final.

Rosa dos ventos – Caldas – Sul de Minas – Inverno de 2006

Referências de leituras

BRANDÃO, C. R. *Memória/sertão – cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. São Paulo: Editorial Cone Sul, Editora da Universidade de Uberaba, 1998.

_____. *Os nomes – escritos sobre o outro*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

_____. “como se diz o outro”. In: AGUIAR, F. (Org.) *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Humanitas, Perseu Abramo, 1999.

_____. *São Francisco meu destino – lendas e contos de rio e de beira-rio seguidos de cantório, falatório e gestuário em uma cena e um ato*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 7.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970.

_____. Manuelzão e Miguilim. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

RESUMO – MANUELZÃO, uma pessoa real dos sertões de Minas Gerais, depois transformada em um personagem de João Guimarães Rosa e, depois ainda, em uma espécie de sujeito emblemático dos sertões roseanos “das Minas Gerais”, é trazido aqui por meio de sua própria fala, em entrevistas feitas em sua casa e em entornos de seu mundo, no povoado do Andrequicé, e por meio de anotações de meu caderno de campo. Outros personagens da mesma região falam sobre a vida passada e presente nela, de forma complementar.
PALAVRAS-CHAVE: *Grande Sertão: Veredas*; Guimarães Rosa; Manuelzão; Antropologia.

ABSTRACT – MANUELZÃO, a real person from the hinterlands of Minas Gerais who was later rendered a literary character by João Guimarães Rosa and, later still, became kind of an emblematic figure of Rosa’s backcountry “general mines”, is here brought to life through his own words, in interviews made at his home and the environs of his world, the village of Andrequicé, and through the notes of his field diary. Other characters from the same region speak complementarily of their past and present life in the area.
KEYWORDS: *Grande sertão: veredas*; Guimarães Rosa; Manuelzão; Anthropology.

Carlos Rodrigues Brandão é professor aposentado do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas, professor pleno do doutorado em Ambiente e Sociedade, da mesma Unicamp. Professor visitante do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Participante sênior da Equipe de Estudos e Pesquisas do São Francisco, resultante de convênio entre a Universidade Federal de Uberlândia e a Universidade Estadual de Montes Claros.
@ – brandao08@ig.com.br

Recebido em 20.8.2006 e aceito em 30.8.2006.